

Mais uma biografia de Freud? Não só. Emílio Rodrigué, com seus três volumes - *Sigmund Freud - O século da Psicanálise* - nos oferece um olhar personalíssimo sobre a vida e a obra do fundador da Psicanálise. Foram seis anos debruçado sobre a obra, sobre a vasta literatura existente a respeito de sua vida, e também sobre contribuições de autores pós-freudianos na problematização de suas teorias e conceitos.

Psicanalista argentino, baiano de coração, Rodrigué possui um amplo e vasto percurso. Ainda moço, no início de sua formação psicanalítica, foi estudar lógica com Suzanne Langer nos Estados Unidos, onde também trabalhou na mesma clínica que David Rappaport e Milton Erickson. Anos mais tarde, já psicanalista conhecido e reconhecido, decide ir para Londres trabalhar com Melanie Klein e sua escola. Voltou à Argentina, onde várias peripécias institucionais o aguardavam. Foi um dos fundadores do grupo Plataforma, que, rompendo com a APA (Associação Argentina de Psicanálise) ligada à IPA (*International Psycho-analytic Association*), fez soprar novos ventos sobre a psicanálise latino-americana. A confusa situação política na Argentina dos anos setenta, e a repressão dela decorrente, provocam sua emigração. Salvador, capital da Bahia, é a terra escolhida. Aí estuda a obra de Lacan, que lhe foi apresentada por seus discípulos-analisandos. Eis algumas pinceladas a respeito do biógrafo, o que nos dá uma dimensão de seu mais recente trabalho, marcado por um estilo saboroso, sem falar em suas divertidas e instrutivas passagens extracurriculares.

Um olhar latino-americano sobre a biografia de Freud

Resenha de Emílio Rodrigué: Sigmund Freud - o século da psicanálise - 1895 -1995, São Paulo, Ed. Escuta, 3 volumes, 1995, 1280 p.

Biógrafo e biografia articulam-se intimamente. Por ocasião do lançamento do livro, em Salvador, Rodrigué a ele se referiu como um "fenômeno de posseção." Um dia, tomando cerveja na praia de Itapoã, uma garçone se aproxima dele; percebendo sua timidez, que traduz o desejo de aproximação, ele lhe pergunta o seu nome: Cátia, diz ela, e quer saber se é "Doutor". E, diante de sua assertiva, começa a desenrolar sua vida, seus problemas e sintomas. Com certo espanto, nosso biógrafo vê-se transportado para o Tirol: Cátia e Katharina! A mesma pergunta! E, olhando para suas próprias mãos, um sentimento de estranhamento dele se apossa: são as mãos do jovem Freud. Uma grande aventura inicia-se, e também o livro que agora temos em mãos. Ah! - as mulheres e a histeria - apanágio não só delas ...

Cultura popular e erudição, a vida de Freud e a de Rodrigué, tempos e espaços diferentes misturados, imagens que nos falam. A esta generosa alquimia, um nome impõe-se: um olhar latino-americano sobre a biografia de Freud.

Com essa biografia - "experiência que fecha 50 anos de prática analítica" - Rodrigué, sem dúvida, realizou seu desejo - "ser um arqueiro certeiro." Tendo em mãos um vastíssimo legado - poucos outros homens, no século XX, foram tão escrutados e tiveram sua vida tão esmiuçada como o nosso querido Freud - o biógrafo, em seu prefácio, escreve que todas as flechas foram necessárias para que seu intento fosse bem sucedido. Duplo movimento: "identificação e tomada de distância com o projeto de um grande homem." Um justo distanciamento que ressalta seu apego à verdade, histórica e fatural, permitindo que o subversivo da obra de Freud se destaque à medida que vai trabalhando seus conceitos e teorias.

Além do prólogo - "A hora dos arqueiros", os três volumes dividem-se em 67 capítulos, a

maioria deles com deliciosos títulos. Comentários extremamente pessoais, entremeados ao texto, revelam-nos a grande liberdade do autor, e seu talento para nos comunicar suas mais íntimas intuições.

A partir da leitura dos três volumes, selecionei alguns capítulos seguidos pelo biógrafo-arqueiro, que indicam sua maneira de proceder.

No capítulo IV, "As aventuras de Cipión e Berganza", cenas e tempos que se misturam.

"Lembram da cena? O osso voa no céu, o macaco imaginado por Stanley Kubrick acaba de descobrir a arma que o tira de sua macaquice, e esse mesmo osso se transmuta numa estação espacial, no filme *2001 - Uma Odisséia no Espaço*. A música? Primeiro, *Zaratustra*, de Richard Strauss. Em seguida, uma fantástica valsa: o *Danúbio Azul* de Johann Strauss, símbolo da alegre sofisticação humana. As esferas celestes valem em frívola perfeição. É o máximo que pode se dizer de Viena do fim-de-século: o centro requintado do hedonismo mundial, sem os exageros de uma Paris habitada por franceses grossos. Viena era a Veneza de Marco Polo, a Amsterdã dos anos 60, é verdade que uma Amsterdã um pouco careta e mentirosa. Um tanto cruel. Uma cidade a se desconfiar. Assim pensava Freud." (I, p.99).

E por aí vai o nosso Sigmund-Emílio discorrendo sobre a Viena do jovem Freud, nesse capítulo que conta seus anos de juventude, suas primeiras amizades e amores, seu grande interesse pela literatura e pelas línguas estrangeiras, em grande parte relatados na correspondência com seu grande amigo de mocidade, Eduard Silberstein, o Berganza do título.

No capítulo VII, "A Ética do Trovador", a astrologia está presente.

Sigmund e Martha. O envolvimento amoroso. "Aprecio a idéia (de Philipp Rieff) de considerar o caráter iniciático da correspondência: as cartas podem ser vistas como uma profunda incursão no diálogo de amor, matéria-prima da psicanálise, iniciando um certo tipo de reflexão rumo à auto-análise, à posterior correspondência com Fliess e à descoberta do poder da associação livre. Estamos frente ao grande amor do homem do século com a mulher de sua vida. São no total 900 cartas, o que daria para dois volumes, revelando seu lado feroz, viril. O cunho taurino, dirão os astrólogos." (I, p. 161).

Outros comentários: no capítulo XIV, "A Cura pela Fala", o caso Anna O. é amplamente discutido em suas várias versões. A versão do biólogo oficial de Freud - Ernest Jones - já desmentida por outros pesquisadores da vida de Freud, é assim comentada:

"As peças desse drama de transferência e ciúmes encaixam-se gerando um maravilhoso 'anti-conto' de fadas. Pena que esta história seja uma frondosa fantasia jonesiana. Estamos frente a um dos mais belos mitos psicanalíticos. Jones foi o agente mitopoético que urdiu a teia, e Ellenberger e Pollock os desmancha-prazeres que furaram o mito. O biógrafo oficial, nas palavras de Roudinesco, 'fabricou a história da contratransferência de Breuer' Ela lembra que Freud em nenhum momento fez referência a tal fato, o que, como logo veremos, é uma meia verdade. A saga da filha concebida em Veneza, e que teria se suicidado em Nova Iorque, não com-

bina com os fatos. A minuciosa pesquisa de Pollock mostra que a cronologia dos filhos de Breuer simplesmente não corresponde. Dora nasceu em março de 1882, três meses antes que o pai terminasse o tratamento de Anna. Além disso, ela não se suicidou em Nova Iorque: morreu em 1938, vítima da Gestapo. Os Breuer, para completar o desencontro, não foram à Itália, mas a Gmunden am Transsee." (I, p. 276).

"Digamos que Jones tenha fabricado a história. Os mitos, porém, são forjados mas não se falsificam. São construções e não representações ... Os mitos, como as lembranças encobridoras, não se deturpam com sua não-verdade. Pelo contrário, trata-se de ficções que testemunham verdades históricas. Como disse Ulloa, a narrativa é mais crível que o próprio narrador. Borges sabia disso. De todos os mitos freudianos, este é o que transporta a mais inocente verdade: Breuer separou-se de Freud por causa do sexo ... Mas o benefício secundário deste mito é desvalorizar Breuer para enaltecer Freud. Em outras palavras, todo mito é um certo ato falho da história." (I, p. 277).

O capítulo seguinte - "Breuer, Mestre Secreto da Histeria" - prossegue com a relação entre Breuer e Freud. Além da amizade ambivalente entre os dois homens, Rodrigué se detém sobre seus encontros e desencontros; suas respectivas teorias sobre a histeria são discutidas e contrapostas, dando a Breuer um lugar, nos primórdios da psicanálise, menos apaixonado e por isso mesmo isento de pré-conceitos.

Tomemos apenas um pequeno mas importante exemplo nessa longa discussão, para destacar a justiça feita por Rodrigué a Breuer: a existência de *estados hipnóides*, noção logo depois repudiada por Freud, que a chama de "idéia infeliz e enganosa."

Injustiça de Freud, escreve Rodrigué, pois "essa contribuição, de modo algum, pode ser considerada como supérflua e enganosa. Ela será retomada por Lacan, que no caso Aimée fala de "estados oniróides." Ao rejeitar os estados hipnóides, Freud monta uma arquitetura monolítica do ego que perdurará em seus escritos até praticamente o final de sua obra, onde finalmente, numa inconclusiva terceira tópica, ele falará da cisão do ego." (I, p. 305).

Nesse vôo quase supersônico pelos três volumes, vejamos agora alguns comentários sobre a questão das pulsões, trabalhada por Rodrigué no segundo volume.

No capítulo "As Odisséias da Pulsão" (termo cunhado por Jean Laplanche), os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que "devem ser considerados o discurso da pulsão" são amplamente trabalhados e pensados, tendo como referência *A interpretação dos sonhos - discurso do desejo - e os Estudos sobre a histeria* - "onde a preocupação pelo esperma do diabo e outras pulsões demoníacas já estava presente ...". "O caráter subversivo dos *Três ensaios* fica mascarado quando se lê a versão definitiva sem reparar nas datas dos adendos de 1910, 1915, 1920 e 1924. Todos estes dados apontam para a mesma direção: diminuir o caráter aberrante da sexualidade. Eles falam da 'organização sexual nos estádios infantis', reduzindo, portanto, o polimorfismo da edição original." (II, p. 125).

No último capítulo do segundo volume, cujo título é o mesmo dado por Freud ao seu livro *Além do princípio do Prazer*, a questão da pulsão de morte e o conceito de repetição são amplamente trabalhados. Vejamos os passos seguidos pelo autor, um comentário de sua vida pessoal, e uma de suas flechas:

"Numa entrevista concedida a George Viereck, Freud declara: 'A Morte é a companheira do Amor; juntos eles regem o mundo. Isso é o que diz meu trabalho *Além do princípio do Prazer*.' (...) É certo que a vida não explica a obra; mas entre ambas existem vasos comunicantes. (...) Chama a atenção que Freud faça questão de desvincular o livro do luto de Sophie. Para mim, o problema é outro. Retomemos, então, a história do *fort-da*. Minha flecha é a seguinte: esse jogo foi ressignificado com a morte da mãe. Daí, talvez, a

nota de rodapé de Freud afirmando: 'Quando o menino tinha 5 anos e 9 meses, a mãe morreu. Agora que ela tinha ido o-o-o, ele não mostrou sinais de luto.' Talvez tenha sido esta premonição o que levou Freud a pensar que seu luto - como o de Ernstl - não era humano. Por outra parte, o *Além* foi o carretel de Freud. O jogo com o carretel que representa a possibilidade de simbolização da ausência como premonição da morte do outro, tanto para o filho como para o pai." (II, p. 431).

Após a flecha, temos o comentário pessoal de Rodrigué: "Sejamos rigorosos e escolhamos com cuidado uma virtude. Entre a alegria e a paz, opto, conservadoramente, pela última: pode haver uma falsa alegria, mas uma falsa paz é incabível. A paz, por mim escolhida, identifica-se plenamente com a noção de prazer tal como Freud a define na primeira tópica - uma queda de tensão." (II, p. 432).

O terceiro volume começa com o capítulo intitulado "O Livro das Massas." Chegamos aos anos vinte e à conturbada situação européia após a Primeira Guerra Mundial: o panorama social da psicanálise, como não poderia deixar de ser, é afetado pelo clima pré-nazista deste momento histórico.

O livro de Freud *Psicologia das Massas e Análise do Ego* é nesse capítulo trabalhado em múltiplas direções. O contraste entre a psique do sujeito e a psicologia social, posta em questão no livro de Freud, é amplamente discutido; a problemática da identificação ganha relevo, assim como outros textos, por exemplo *Mein Kampf* de Hitler.

"Foi a hora dos demagogos. Por um lado, Benito Mussolini, o mais bombástico dos populistas; pelo outro, Hitler, o mais cruel dos ditadores. Seu

nome, porém, não aparece na correspondência de Freud daqueles anos - ele ainda era um Zé Ninguém. Mas, no mesmo ano em que Hitler matutava seu *Minha luta*, Freud dava os toques finais em sua *Psicologia das massas e análise do ego*. Segundo Stierlin, tanto Freud como Hitler - ironias da vida - inspiraram-se em Le Bon." (III, p. 39).

Ainda no volume III, um outro exemplo deste trabalho de Emilio Rodrigué: O capítulo LXIV chama-se "O Acaso". Nele encontramos uma breve referência à relação entre Freud e Einstein, e inúmeras referências não só a Lacan, como também a Prigogine e a Heidegger. A teoria freudiana entra em contato não só com seu desenvolvimento lacaniano, mas também com a física contemporânea.

A linguagem de Rodrigué e a maneira *sui-generis* como expõe suas idéias me fizeram trazer algumas citações, e não resisto a mais duas, escolhidas ao acaso, deste capítulo:

"Muito aconteceu neste tempo que é o nosso. Assistimos ao fim do determinismo. A velha doutrina filosófica, que pregava o encadeamento rigoroso de causas e efeitos, teve "baixa." Freud era determinista ao postular que, no domínio psíquico, tudo é passível de interpretação." (III, p. 252).

E, algumas páginas mais longe: "Retomemos a antinomia corpo-linguagem versus pulsões anárquicas. Voltemos ao corpo erógeno, ou seja, ao corpo submetido à linguagem. Como vimos, a verdadeira dualidade para a psicanálise seria constituída por aquilo que é ordenado (o que inclui tanto a linguagem quanto a representação do corpo) e aquilo que é exterior à ordem: as pulsões em estado bruto. Lacan é claro ao dizer que a linguagem transforma o organismo vivo em corpo. O corpo da histórica, que também chamamos de corpo erógeno, sempre será um corpo imaginário, e não um corpo pulsional. O corpo pulsional é de outra ordem. Não é representável, não é atravessado pela linguagem, não se constitui como sentido, não é da ordem do acontecimento. O corpo pulsional distingue-se tanto do corpo simbólico quanto do corpo biológico. Ele é o corpo do acaso." (III, p. 255).

As questões institucionais no seio do movimento psicanalítico; as relações de Freud com seus mestres, seus pares, seus discípulos, seus dissidentes; as brigas pelo poder e as dissensões teóricas; a questão da análise leiga; Melanie Klein e Anna Freud, suas diversas concepções sobre análise com crianças - eis mais algumas das indagações em direção às quais Rodrigué lança seu olhar lúcido e crítico.

Os deliciosos títulos que Emilio escolhe para seus capítulos são um outro ponto que não pode deixar de ser mencionado. Vejamos alguns: "O Pulo do Tigre"; "A Droga Mágica"; "Um Judeu na Corte do Rei

Charcot"; "As Odisséias da Pulsão"; "Os Senhores do Anel"; "O Tempo dos Triângulos"; "O Livro dos Erros"; "O Ego, esse Palhaço"; "Você Decide"; "A Batalha da Análise de Crianças" ...

Um elemento que chama a atenção do leitor é o completo sumário, em cada volume, e a repetição dos anteriores nos volumes subseqüentes, o que nos permite selecionar várias possibilidades de leitura. Assim, se estou interessada apenas nas questões de Freud com seus discípulos, posso fazer um trajeto diferente do que se o que me ocupa são suas obras "sociais", e um terceiro, ainda, se estou trabalhando o conceito de pulsão. Estamos diante de uma obra aberta.

E, para concluir, um último ponto que não pode deixar de ser mencionado: as notas do fim de cada capítulo. Na maioria deles, temos mais de cem referências bibliográficas, e também comentários que abrem inúmeras possibilidades de estudo e de pesquisa, não só para os psicanalistas mas também para todo estudioso da Psicanálise.

Tarefa gigantesca a de Emilio Rodrigué!

Anna Maria Amaral é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e do Conselho Editorial de Percurso.